

Trabalhar na informalidade: de hábitos a compromissos

Marcia de Melo Martins Kuyumjian

O trabalho é um importante fator para a inserção social, no entanto os modos como este participa do processo de socialização varia de acordo com os grupos sociais e das configurações do mercado de trabalho. As metamorfoses do mundo do trabalho altera sistematicamente a relação emprego/desemprego, bem como a eliminação de determinadas habilidades produtivas por serem inadequadas ao moderno processo de produção. Eis o preâmbulo motriz da investigação sobre a vivência e experiência do trabalho em diferentes universos sociais.

A referência são os trabalhadores à deriva, que não participam do avanços tecnológicos do mercado de trabalho, não tem necessariamente formação compatível com as novas demandas, mas que continuam a participar do mercado de trabalho com suas atividades e habilidades como informais. Na busca de entendimento da dicotomia / complementaridade do trabalho formal com o informal foi realizada pesquisa da qual participou uma equipe formada de alunos de graduação, mestrandos, doutorandos e professores do Departamento de História da Universidade de Brasília que culminou no livro Brasília informal, publicado pela Paco Editorial, em 2012.¹ Marginais constrangidos trabalham organizando espaços de solidariedade que legitimam e conferem status e discriminam e silenciam. Brasília do século XXI é marcada por intenso crescimento de massa humana anônima, com baixa escolaridade e qualificação, competindo com outros segmentos de trabalhadores os espaços no coração da cidade.

Os informalizados aparecem nas estatísticas como ilegal e cujas políticas públicas correspondem, em larga medida, ao estímulo à formalização de suas atividades. Patenteia-

¹ A pesquisa que culminou na realização deste texto foi efetivada nos anos de 2008, 2009 e 2010. O trabalho centrou-se nos registros imagéticos e na oralidade. O arquivo imagético conta com mais de 2 mil fotos e aproximadamente 100 entrevistas. Além do livro, a pesquisa contribui com a produção de duas dissertações, uma tese e um PROIC. O campo de pesquisa foi o Plano Piloto da cidade de Brasília. A pesquisa foi coordenada pela autora deste texto e contou com o apoio da FAP/DF.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

se a ausência de reconhecimento do que fazem e do que são, afetando suas bases culturais. A perda de significado da identidade grupal conduz a um esfacelamento das bases de comunicação entre seus pares e de negociação com a estrutura social legal. O campo simbólico donde retiram a criatividade para sobreviver no limbo da modernidade se considerado pela construção de políticas públicas permiti que os trabalhadores informais sejam inseridos no sistema econômico dominante como uma categoria de trabalhadores diferenciados. Como queremos dizer que os informalizados devem ser considerados pelos efeitos e práticas desenvolvidas no âmbito de suas esferas cotidianas marcada por mundos distintos: o da casa, das relações com vizinhos e familiares e o da rua, onde montam seus pequenos negócios e suas relações com o consumidor, o Estado, o fisco e o transeunte.

Nesta perspectiva a informalidade faz retornar ao debate sobre a identidade como um processo de autoconhecimento e como efeito das relações sociais, nas quais estão inseridas, desde as pessoas mais próximas, até o agente do Estado que aparece, geralmente, na figura do fisco, o tradicional “rapa”, visto como um inimigo público dos trabalhadores em informalidade. Essa percepção negativa dos agentes do Estado foi notada em várias manifestações dos sujeitos objetos das entrevistas que efetuamos. Em uma visão teatralizada – “o medo do rapa” –, os trabalhadores diziam da dificuldade em exercer seu trabalho pelo risco constante de ver o ganha-pão ser confiscado, situação que reflete a aversão aos agentes do Estado e a descrença em políticas que atuem para inserir o informal como cidadão.

Elisão é, portanto, a imagem que esses sujeitos têm das ações governamentais. Tirá-los de um ponto de venda ou recolher seus equipamentos de trabalho representa deixá-los sem emprego. Vivem, portanto, o temor de estarem sempre se escondendo dos agentes do Estado e de não terem uma freguesia fixa, caso tenham de ficar mudando de ponto constantemente. É evidente o sentimento de contrariedade deles com o governo, que, segundo indicam, atua por meio de ameaças e de medidas punitivas, não respeitando o trabalho que realizam. Observa-se que esses trabalhadores informais quase não se pronunciam sobre o Estado, apenas relatam terem pouca identificação com ele. Apenas

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

não querem ser incomodados por seus agentes. Trata-se de um discurso recorrente e merecedor de destaque, uma vez que corresponde a um tema específico e que deve ser apreendido pelo próprio Estado, que não consegue se fazer representante de diferentes vozes e valores.

A observação desse mundo do trabalho informal mereceu as reflexões de Michel de Certeau no livro *A invenção do cotidiano*, no qual ele chama atenção para o fato de que deve ser dado destaque especial às diferenças, ao que é extravagante e extraordinário, não se prendendo às semelhanças. São as extravagâncias e o extraordinário que detalham e especificam a realidade. Além disso, as heterogeneidades não existem apenas na relação eu e outro, mas também no interior dos grupos, marcados por contradições e ambiguidades, as quais são visíveis em pelo menos três situações em relação aos trabalhadores informais: quando estes reconhecem que a capital oferece maiores oportunidades de se obter uma renda em comparação às suas cidades de origem, mas fazem questão de manter suas diferenças regionais; quando estes ocupam os espaços nobres da cidade e, ao mesmo tempo, temem os agentes do Estado; quando estes acham a cidade boa, porque fazem dinheiro e têm fácil acesso à educação dos filhos e ao sistema de saúde pública, mas vivem contrariados com o governo, que, segundo relatam, frise-se, adota medidas punitivas, desrespeitando o trabalho que desempenham.

Ainda nesse contexto, se consideramos as regras de inserção no mercado de trabalho, segundo a legislação trabalhista; de estabelecimento de uma empresa, segundo o regulamento definido pelas juntas comerciais e, ainda, a política econômica definida pelo Ministério da Economia e Planejamento, veremos que há, sem dúvida, extravagâncias e exageros no trabalho informal, os quais aparecem, por exemplo, no modo como esses sujeitos do trabalho informal se colocam diante do fato de a cidade de Brasília já não mais comportar o número de veículos que circula por suas ruas e avenidas e, gradativamente, ter privatizados seus estacionamentos.

Esses exageros aparecem também no modo como esses trabalhadores se apresentam, fazendo uso de lugares próximos aos monumentos, aos zoneamentos onde há maior movimentação de pessoas, em total dissonância com o visual estético imposto

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

pela cidade-patrimônio. Com isso, marcam sua presença e, ao mesmo tempo, revelam o lado pobre da cidade. Se não se expusessem no centro do Plano Piloto, ficariam silenciados e esquecidos nas cidades-satélites, periferia que acomoda os mais carentes. Além disso, trazem consigo os hábitos e os modos de ser que adquiriram nas terras de origem. Murmurinho de gente miúda, vestindo-se sem considerar a ditadura da moda, por vezes salientando sotaques como uma ironia aos demais sotaques, fazendo uso do espaço público como se fosse privado e deixando as marcas da presença humana, com seus odores e restos, que atuam como rastros do fio que liga esses seres humanos à vida e à cidade, mesmo sem autorização de fazê-lo.

Contudo, não há apenas o extravagante e o extraordinário, se é que se pode dizer que essas atividades são, em si mesmas, extravagantes e extraordinárias. Podemos pensar que o são diante da lógica das sociedades que estabelecem um padrão de ordem e de contrato social no qual a heterogeneidade tem pouco espaço. Temos que considerar as atividades que são pequenas lembranças do passado, mas também legítimas, embora de pouco significado para o PIB. Há, portanto, o trabalho legítimo de pequenos artesãos, prestadores de serviços, quitandeiras, vendedores de diferentes produtos que compram no atacado e vendem no varejo.

São inumeráveis as atividades que aparecem nas ruas da cidade e que são dificilmente enumeradas pelo Estado na lista de classificação de trabalhadores. Destacamos algumas: os que trabalham com o conhecimento sobre o poder curativo das plantas; costureiras; artesão de bijuterias; vendedores de picolé caseiro, de brinquedos-boia, de pipoca, de algodão doce, de quebra-queixo e balões; engraxates; manicures; cabeleireiros; eletricitas; encanadores; pintores; marceneiros; jardineiros; faxineiras. São tantas as atividades que deixamos à imaginação de cada um a tarefa de lembrar quantas mais podem ser agregadas a esta lista.

Assim, um dos primeiros resultados da pesquisa realizada é o reconhecimento de que o universo do mercado de trabalho informal é heterogêneo. Nele, não há uniformidade entre seus membros, nem quanto ao sexo, nem à idade, nem à formação educacional, nem ao nível social. O que há de regularidade é o fato de serem, majoritariamente,

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

migrantes. Desse modo, nossa primeira desmistificação refere-se ao perfil do trabalhador informal: há uma variedade de pessoas, com diferentes modos de vivenciar a atividade e ainda com diferentes percepções sobre si, o mundo e o Estado.

Para esta conclusão, consideramos os trabalhos que significam atividade de sustento familiar e de construção de redes de solidariedade entre os que se encontram em situação similar. Retiramos, desta análise, os contraventores, os envolvidos com tráfico de drogas, os contrabandistas, enfim, as atividades que não se ajustam à escala de valores democráticos do socialmente aceitável.

Outra atividade de profundo efeito é o fato de esta pesquisa colocar em contato a história com a realidade do tempo presente. Com isto, apreciamos diferentes dimensões de análise, incluindo, além dos registros imagéticos e da oralidade, um *corpus* documental, tanto no que concerne ao adensamento teórico, quanto à leitura de trabalhos que se ocupavam da informalidade no Brasil. Os testemunhos orais permitiram capturar a identidade desse grupo de trabalhadores informais, que não recusam suas origens, gostam da cidade, mas vivem com a falta de apoio governamental. Não se sentem cidadãos por inteiro. E é na interface entre o que experimentam no dia a dia e suas expectativas que elaboram uma identidade frouxa, sem muita convicção de quem são. Como pessoas, consideram-se dignos e se orgulham de sustentar a família com o suor do trabalho e não com os benefícios sociais do Estado. Percebem uma grande distância entre seus interesses e a disposição desse mesmo Estado. Por consequência solicitam “que o governo deixe que trabalhem em paz”.

Carlo Ginzburg, em um contexto completamente diferente, também utiliza testemunhos para embasar sua pesquisa e defende que a oralidade possui uma riqueza de detalhes que torna o estudo mais aprofundado e mais verídico. Dessa forma, pode-se dizer que o estudo antropológico dá maior veracidade ao estudo histórico realizado. Comprovadamente, essa veracidade foi alcançada com as variadas entrevistas, nas quais foi facilmente observado que não existe uma uniformidade de discursos; que as vozes e as falas de cada um são movidas por crenças e expectativas claramente individuais. Pode-se dizer que existe uma maioria com certa tendência ou com uma visão geral comum, mas,

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

ainda sim, cada indivíduo tem uma experiência diferente. Colocá-los em um único patamar ou padrão comparativo implica grande perda de detalhes e qualidades únicas.

Além das práticas que essas famílias trouxeram de suas cidades de origem, o conhecimento que elas detêm do que ocorre na cidade, das notícias nas ruas, é um exercício oral que se vai espalhando e criando verdades instantâneas que alimentam a vida social e cultural. São hábitos que se opõem àquele do núcleo bem estabelecido na cidade: pouco contato com vizinhos, informações pelo mídias, mobilidade restrita a carros e contato apenas com amigos seletos.

Os registros imagéticos, por sua vez, oferecem um painel discursivo que não se limita à ilustração, mas evoca as linguagens do corpo e dos gestos, dos desejos e frustrações cravadas na alma das pessoas. Falar sobre si é um momento de reflexão sobre a vida, a cidade e o mercado de trabalho. Assim, a pesquisa de campo com trabalhadores foi feita no viés da História Cultural, que valoriza a realidade no modo como ela se apresenta, é intrínseca à lógica de ação do povo, ultrapassa as noções de regras e normas. Procura localizar os significados construídos em situações específicas, as apropriações elaboradas para tirar alguma vantagem em condições de desvantagem socioeconômica. São medidas que revelam a alteridade e, mais importante, a habilidade de múltiplos grupos sociais, em diferentes tempos históricos, de resignificarem o que são e o que fazem, afinal, se, com o avanço tecnológico e científico, ocorreu a reelaboração e o sentido do termo “trabalho” pelas novas configurações que adquiriu principalmente ao longo do século XX, os trabalhadores (resquício do passado?) continuam a existir, a lutar pela sobrevivência não apenas do corpo, mas pela sobrevivência social, isto é, de marcar presença e reivindicar reconhecimento.

É por essa razão que a noção de ideias permite a perceber a tendência a certos comportamentos que colocam em cheque as ações individuais e os comandos governamentais. Esses trabalhadores recorrem ao trabalho informal como alternativa ao desemprego e às péssimas condições de vida e, também, porque é nele que encontram respaldo e solidariedade de pessoas com as quais se identificam e em que podem colocar,

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

à mostra, os que sabem fazer sem o ridículo de se sentirem fora das tendências mais atuais do que vem a ser trabalhador e do que venha a ser produto de consumo.

O cenário desta pesquisa é uma cidade movida por vários fatores que a tornam especial: ser um desejo oriundo do período dos Inconfidentes; ser um relato de Dom Bosco como um sonho visionário; ter sido construída em cinco anos, como a saga de um grande estadista e a crença de uma massa de brasileiros que superaram imensas dificuldades para ver a cidade de pé. Niemayer declarou, diante das câmeras de TV, que poderia tê-la feito mais simples, mas a quis sofisticada, com arcos, formas arredondadas, o que colocaria em risco a entrega da obra no tempo revisto. Resultou numa cidade com características totalmente peculiares, com avenidas alongadas e largas, tesourinhas para os cruzamentos indiretos, quadras esquadrinhadas com comércio local próprio. Nesse esquadrinhar, bancos, autarquias, hospitais, clubes e escolas foram setorizados. A própria sinalização da cidade, utilizando a rosa dos ventos (norte, sul, leste, oeste) e os algarismos, a faz diferente, com seus espaços distribuídos entre o Plano Piloto e as regiões administrativas (também denominadas de cidades-satélites).

O mais importante é que, no Plano Piloto, concentram-se as obras arquitetônicas que tornaram a nova capital famosa, com a exuberância dos prédios, dando uma visão quase futurista da cidade, principalmente quando em contraste com o pôr-do-sol, que oferece um espetáculo com a combinação dos edifícios, o céu e a iluminação artificial. Sem dúvida, bela.

Sobre Brasília, de tudo se ouve um pouco, desde ríspidos comentários sobre o sectarismo e isolamento da estrutura da cidade, até o encantamento com a cotidiana descoberta de uma cidade escondida nas entre-quadras, cheia de vida e de algo que se pode, precariamente, traduzir como a construção de uma tradição.

Assim, a urbanidade é construída com o convívio, depende do tempo e da habilidade do indivíduo em assimilar gestos, olhares, falares e preferências, que demarcam o cenário urbano como tal. Evidencia-se que as relações de poder não se limitam ao que está na ordem e na norma da formalidade ou na desordem da informalidade, mas também

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

nas aparências e ocupações, que definem se os indivíduos são aceitos ou não, independentemente se exercem uma atividade informal. Não podemos nos esquecer de que mesmo uma grande empresa pode associar a informalidade a seu *status* de formal, dependendo do tipo de contrato de trabalho que estabelece com seus funcionários e da adoção mesmo que temporária de trabalho precário, cujos honorários reduzem-se a pequenas comissões. Basta lembrar a recorrente figura do panfletário ambulante, que, de bicicleta ou parado no semáforo, substitui os grandes painéis de anúncio proibidos por causarem poluição visual.

Essa ocupação do espaço pode ser entendida pelo desejo nato do ser humano de se juntar a outros em torno de um território. Essa explicação é baseada nos estudos de Massefoli, que defende que o espaço é o fator promissor da vida social, já que, depois de juntar indivíduos, ele vai moldar os hábitos e costumes diários e será responsável por criar uma estruturação comunitária. A cidade é vista, dessa forma, com grande “potencialidade”, permitindo que o indivíduo crie expectativas, explore e obtenha resultado. Assim, a cidade passa a ser vista como um polo atrativo que detém o passado, pois é a partir dele que as expectativas são criadas. Ela se mostra como fortaleza para o enfrentamento das dificuldades presentes e a garantia da felicidade futura, que, como defende Michel de Certeau, são as horas livres a recompensa às horas de trabalho e, por isso, a aposentadoria é tão desejada. Os trabalhadores informais avisam sempre que essa é uma garantia do Estado a que gostariam de ter acesso, mas o não rendimento do negócio não permite pagar o INSS.

Esses habitantes sem direitos trabalhistas, de pouca projeção nas estatísticas econômicas como produtores, são indispensáveis nas estatísticas sobre consumo. Enquadram-se como trabalhadores de pequenos serviços, que atendem às necessidades prementes de moradores das entre quadras e quica de órgãos governamentais, como pequenos consertos, instalação de um equipamento. São muito demandados pelos habitantes do Plano Piloto, que se comprazem da presença do verdureiro ou fruteiro na sua quadra; dos que resolvem pequenos reparos em roupas, em chaves quebradas ou em

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

uma alça de bolsa estourada ou, ainda, para a compra apressada de uma lembrança para uma festividade.

Portanto, o trabalho informal não pode ser visto apenas como uma alternativa ao desemprego, tampouco como último recurso dos pouco qualificados. É, também, um lugar de fala, de oportunidade e de realização, no qual as pessoas manifestam suas diferenças com uma importante parcela da sociedade, a bem estabelecida no sistema e com o Estado. Parte dos informalizados gostaria de mudar de trabalho, mas não têm trabalho “fichado” porque não têm estudo. O argumento mais contundente é da procura de uma alternativa ao desemprego, mas, ao mesmo tempo, sobressai a preferência pelo trabalho informal devido ao horário mais flexível e ao rendimento superior ao trabalho “fichado”. Não se percebem como membros fundamentais na comunidade em que estão inseridos, na qual refazem suas bases culturais de sustentação psicológica e individual.

Cenas como as de vendedores desfazendo suas barracas depois de um dia exaustivo de trabalho no final de tarde em Brasília não são raras, mas esses não são os trabalhadores que a cidade reclama. Eles deveriam ter ficado no passado, no momento da construção da cidade, quando eram, de fato, necessários.

Atualmente, a cidade requer trabalhadores qualificados para ocupar cargos administrativos ou atividades na área da informática, por ser ela uma cidade cuja marca principal é de deter o comando do país. Ademais, as atividades complementares e subsidiárias à função de comandar requerem técnicos, portanto, pessoal qualificado, o que os trabalhadores informais geralmente não são. São pessoas do povo, com vida simples.

Nada é dado de modo simples e linear. A vida é um mistério e, como tal, deve ser descortinada, iluminada, para mostrar que homens e mulheres escolhem o que lhes parece mais familiar, mais acertado e mais compreensível. Viver e observar os movimentos diários permite que laços de solidariedade aflorem dos vínculos que se estabelecem, pois, na simplicidade do dia a dia, reconhece-se que são essas relações com os outros, vizinhos, familiares, consumidores, comerciantes e Estado que conduzem ao reconhecimento ou

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

não, ao pertencimento ou não. Todos desejam estar presente e ser apontado como alguém vivo e de opinião.

É com base nisso que cada trabalhador se organiza, de modo a garantir uma fonte rentável, dentro das suas capacidades e habilidades, e a ocupar o espaço, conforme a demanda de seu serviço. Contudo, para ele, o mais importante, ao participar do social, é poder dizer o que faz e quem é, pois ninguém é apenas o que pensa ser. Todo indivíduo é o que o outro lê, nele, como pessoa sociável, inteligente, competente, dedicada, trabalhadora ou, ao contrário, um indesejável social.